

Comunicação Oral

**LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS E A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO
CRÍTICO: REFLEXÕES SOBRE O TESAURO PARA ESTUDOS DE GÊNERO E
SOBRE A MULHER**

Miriam Gontijo Moraes – UNIRIO

Resumo

Este trabalho se referencia no Tesauro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres. O objetivo da reflexão é relacionar os aportes das estratégias metodológicas na construção de SOCs, conforme literatura da área, e as contradições apresentadas na construção do presente instrumento em relação à sua natureza crítica. Como principais conclusões, constata-se que a experiência de construir um Tesauro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres evidenciou a necessidade de uma linguagem documentária no campo da crítica feminista, mas ainda permanecem entraves na representação do domínio representado. A Estratégia *Top Down* de construção da estrutura conceitual do Tesauro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres, em 09 categorias temáticas, não condiz com a perspectiva crítica de representação de um novo campo de conhecimento, reproduzindo hierarquias próprias do conhecimento científico vigente. De acordo com a literatura, o enfoque *BottomUp* seria o mais apropriado para uma abordagem crítica do conhecimento que se pauta por não repetir esquemas hegemônicos de representação, mas a reflexão aqui proposta avança no sentido de agregar à metodologia *bottom up* o conceito de comunidades de prática para operacionalizar SOCs críticos e participativos.

Palavras-chave: Sistema de Organização do Conhecimento. Abordagem Crítica. Participação. Comunidades de Prática.

Abstract

This paper references the Thesaurus for Studies on Women and Gender as a System Organization and Knowledge Representation (SOK) in the parameters of the critical vision. The purpose of reflection is to relate the contributions of methodological strategies in the construction of SOCs as literature in the field, and contradictions presented in the construction of this instrument relative to its critical nature. As main conclusions, it appears that the experience of building a thesaurus for Studies on Women and Gender showed the need for an indexing language in the field of feminist criticism, but barriers remain in the domain representation. The Strategy Top Down Construction of conceptual framework Thesaurus for Studies on Women and Gender in 09 thematic categories, is not consistent with the critical perspective representation of a new field of knowledge, reproducing hierarchies own current scientific knowledge. According to the literature, the Bottom Up approach would be more appropriate for a critical approach to knowledge that is guided not by repeating schemes hegemonic representation, but the reflection proposed here moves towards to add the bottom-up methodology to the concept of communities of practice to operationalize critical and participative SOKs.

Keywords: System Organization and Knowledge Representation. Critical Approach. Participation. Communities of Practice.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tomou por base o Tesauro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres, apresentado pela pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, Cristina Bruschini em 1998.

O objetivo central desta revisitação à obra citada se deu em um contexto de uma abordagem de pesquisa no campo dos Sistemas de Organização e Representação do Conhecimento (SOCs) e toma como premissa a importância do uso destes sistemas na construção de conhecimentos alternativos à hegemonia da Ciência Moderna e seus déficits. Também, como objetivo específico, esta abordagem buscou, em estudo que versava sobre os limites e definições acerca das estratégias metodológicas de elaboração de SOCs, elementos para apontar contradições do referido Tesauro, que se instituiu como resultado de um projeto de constituição de uma rede de informações bibliográficas no campo dos estudos de gênero por parte de feministas e estudiosas da área na década de 1990.

Como resultado desta discussão, são feitas sugestões de mudanças na estrutura conceitual do Tesauro para Estudos sobre Gênero e sobre Mulheres, a partir de uma abordagem metodológica que acrescente ao enfoque *bottom up* a operacionalização de comunidades de prática, como visto na revisão bibliográfica de trabalhos relacionados à questão feminista e ao desenho de SOCs.

2 VISÃO CRÍTICA

Contrapor-se aos eixos epistemológicos e conceituais hegemônicos – categorias, conceitos e métodos – para não reproduzir as próprias categorias do sistema de dominação científica, esta é a síntese da postura crítica no âmbito do conhecimento.

Esta postura implica propor e assumir conceitos provisórios e perseguir abordagens teóricas não definitivas, escapar da ordem simbólica dominante e pensar temporalidades múltiplas, uma vez que o conhecimento científico implica também em um sistema de dominação.

Na década de 1990, evidenciavam-se os primeiros indícios da existência de uma postura crítica no âmbito de algumas instituições de conhecimento. A Biblioteca Ana Maria Poppovic – BAMP, da Fundação Carlos Chagas, por exemplo, recebeu um número crescente de consultas ao seu acervo de estudos de gênero e sobre mulheres. Este fato chamou a atenção para o aumento no interesse pelo conhecimento da assim chamada “questão da mulher” e que existia, em função disto, uma demanda de informação e de reflexão merecendo ser municiada com bibliografias adequadas (BRUSCHINI, 1998).

Segundo Bandeira (2008), o debate crítico dos pressupostos fundadores da produção científica na história da ciência moderna, aponta para especificidades que podem ser identificadas como: a) argumentos naturalistas, condição de neutralidade da ciência, com perspectiva masculinista e com linguagem androcêntrica; e b) dimensão universal atribuída ao conhecimento científico, assim como pela crença no caráter progressista da racionalidade científica.

Com base nesta postura, Bandeira (2008) identifica uma crítica feminista contrária a esses elementos paradigmáticos que se evidencia nas contribuições relativas às mudanças propostas nos fundamentos da ciência, apesar de considerar que as feministas não foram as primeiras nesta crítica à Ciência Moderna, uma vez que, segundo a autora, a crítica feminista foi antecedida por outros atores, grupos e movimentos “anticolonialistas, oriundos da contracultura, ecológicos, antimilitaristas, entre outros”, que realizaram agudas críticas ao processo de conhecimento científico, o qual, afora outras questões, excluía as mulheres de seu fazer.

No entanto, como ainda esclarece Bandeira (2008):

Cabe lembrar que não há uma “teoria crítica geral” – única - do pensamento feminista. Existem correntes teóricas diversas, que, apropriadas a partir das teorias gerais, cada uma a seu modo procura compreender por que e como as mulheres ocupam uma posição/condição subordinada na sociedade. Desde que se fala em crítica feminista, faz-se, geralmente, apelo a esse bloco de correntes heterogêneas que tentam explicar por que as mulheres continuam, em boa medida, a viver em condições de subordinação, uma vez que na base de qualquer corrente feminista há o reconhecimento de uma causa social e cultural para a condição feminina de subordinação (BANDEIRA, 2008, p.210).

Neste sentido, a centralidade da crítica na visão feminista está posta na forma de organização do mundo social e natural materializado nas relações sociais, cognitivas, éticas e políticas entre homens e mulheres, assim como nas suas expressões e significados no mundo simbólico. Identificam como características da crítica feminista a posição de contexto, relacional e relativista o que de início implica numa atitude que consiste em não aceitar totalidades universais ou balizas fixas. Trata-se de historicizar os próprios conceitos com que se tem de trabalhar, tais como os de reprodução, família, público, particular, cidadania, sociabilidades a fim de transcender definições estáticas e valores culturais herdados como inerentes a uma natureza feminina. São muitos os relatos históricos a indicar que a ciência moderna foi construída como um empreendimento especificamente masculino. Francis Bacon e os demais fundadores da *Royal Society* impediram a presença das mulheres nas

universidades admitindo somente a presença de filósofos, pensadores e cientistas homens. Nesse contexto, as mulheres como sujeitos individuais e coletivos e como sujeitos do conhecimento compartilharam das mesmas exclusões e incertezas relativas a outros grupos sociais, nos caminhos da construção científica, tais como certos grupos étnico-raciais (BANDEIRA, 2008).

A crítica também tem sido o foco de especialistas no campo da Organização do Conhecimento. No entanto, não estamos aqui focando esta abordagem crítica nos clichês apontados em Castro e San Segundo Manuel (1999), às já discutidas limitações dos tradicionais sistemas de classificação, como antiquados, conservadores, burguês, anglo-saxão e cristão, etc.

A nossa abordagem entende que a construção do pensamento crítico tem na proposta de uma outra racionalidade, que não se pauta necessariamente na eficiência e na eficácia de tais instrumentos, mas que busca o diálogo e a participação.

Esta abordagem também se insere no âmbito do Projeto Ágora de Democracia Digital, do qual a presente autora faz parte, com o objetivo de agregar à construção de sistemas de organização do conhecimento as chamadas comunidades de prática nas estratégias *bottom-up*, conforme será avaliado posteriormente.

O nosso foco não é avaliar a representação do campo gênero, mas sim identificar a criticidade do instrumento aqui revisitado, no sentido de resgatar a trajetória desta rede e buscar a opinião do grupo de pesquisadoras que compuseram uma rede no campo dos estudos sobre Mulheres Gênero, opinião esta relacionada à participação que o grupo teve na construção do instrumento.

O alcance deste trabalho não será o de analisar o Tesouro de Estudos sobre Mulher e Gênero de forma a identificar o seu campo semântico ou seus aspectos ideológicos, como foi feito por Lopes Huertas e Ramírez (2005) em seu trabalho que analisou a terminologia de gênero, enquanto um campo interdisciplinar e as dificuldades advindas do ponto de vista da representação do conhecimento e recuperação da informação.

Trata-se de dar sequência à reflexão colocada por Castro e San Segundo Manuel (1999), de que a democratização da informação supõe maior participação e facilidade de acesso por parte do usuário.

3 A CONSTITUIÇÃO DE UMA REDE

Conforme o relato de Bruschini (1998), a ideia de constituir uma rede de informações bibliográficas no campo dos estudos de gênero surgiu entre feministas e estudiosas da área, há

vários anos, mais exatamente em dezembro de 1990, num seminário realizado em São Roque, SP. Ela foi apresentada no bojo de um conjunto de propostas, tais como a de uma revista científica e a de cursos itinerantes, que visavam ampliar e fortalecer os estudos de gênero, tema que começava a ganhar espaço na academia.

A ideia seria retomada mais tarde, no Encontro Nacional de Núcleos Universitários de Estudos sobre Relações Sociais de Gênero, realizado na Universidade de São Paulo, em março de 1991, desta feita no âmbito de uma proposta mais ampla sobre a constituição de uma rede de núcleos. O Programa de Dotações para Pesquisa sobre Mulheres e Gênero, coordenado pela Fundação Carlos Chagas, viabilizou a formulação posterior, por meio de comissões formadas durante esse evento, dos seguintes projetos: um curso de teoria e metodologia de gênero, uma revista científica, uma rede de informações bibliográficas e a formação de uma rede de núcleos (BRUSCHINI, 1998).

Da rede de informações bibliográficas, faziam parte Maria Lygia Quartim de Moraes (àquela época da UNESP), Heloísa Buarque de Hollanda (UFRJ), Françoise Dominique Valérie (UFRGN), Glaura Miranda (UFMG), Eva Blay e Tamara Cianciarullo (ambas da USP). Cynthia Sarti, então pesquisadora visitante na Fundação Carlos Chagas, passou a ser coordenadora executiva do projeto, enquanto Sandra G. Unbehaum integrou-o como assistente de pesquisa, e como coordenadora, Cristina Bruschini.

Inúmeras reuniões e visitas a centros que dispunham de acervos bibliográficos estruturados, como o SEADE, o Núcleo de Violência da USP, o projeto REDUC, sediado na Biblioteca da Fundação Carlos Chagas e outros antecederam a formulação, em 1992, do Projeto Rede de Documentação sobre Mulher e Gênero.

Conforme a narração de Bruschini (1998), era mais do que clara, para todas as pesquisadoras envolvidas, a necessidade de reunir e sistematizar, em um centro informatizado, referências bibliográficas que cobrissem a produção científica sobre mulheres e relações de gênero no Brasil, para posterior disseminação por todo o país. Este era o objetivo do projeto, que apontava também para a necessidade de definir critérios pré-estabelecidos para a indexação dos títulos, tendo sido sugerida a utilização do Tesouro da UNESCO, adaptado aos interesses de uma rede de títulos referentes a mulheres e gênero.

Começava a amadurecer e ganhar forma a ideia de que a constituição de uma rede só seria viável após a construção de uma linguagem ou vocabulário bibliográfico comum.

Em 1994, em tempos de novas tecnologias, informatização de toda a Instituição e, um pouco mais tarde, comunicação on-line com todo o país e fora dele, através da Internet, o projeto foi retomado e passa a ser um imperativo, na medida em que as novas TICs ampliam a

comunicação entre os pesquisadores e, conseqüentemente, o volume da demanda (BRUSCHINI, 1998).

Com a convicção de que, sem uma linguagem comum pré-construída, a formação da rede não teria nenhum sentido, o grupo focou na construção do Tesauro para estudos de gênero e sobre mulheres.

Conta Bruschini (1998) que

Os primeiros passos na orientação sobre sua utilização como instrumento de indexação bibliográfica foram demonstrando seu potencial como instrumento de discussão teórico-metodológica no campo dos estudos de gênero, uma vez que ele não se constituiu em uma mera lista de palavras, mas uma complexa interrelação de conceitos e áreas temáticas (BRUSCHINI, 1998, p. 8-9).

Em agosto de 1997, o grupo retoma o projeto com a renovação de alguns contatos, iniciados com outros núcleos e centros de pesquisa, e começam a ser planejados, em várias regiões do país, seminários para a divulgação do Tesauro, sempre na forma de treinamento oferecido pela equipe a pesquisadoras e documentalistas da área estudos de gênero.

4 O PAPEL DO TESAURO

Na avaliação do grupo, o Tesauro para estudos de gênero e sobre mulheres tinha a função eminentemente didática de difundir uma linguagem menos sexista que permita apreender um mundo menos discriminatório em relação às mulheres. Além disto, na perspectiva de que sendo vocabulário, ele nomeia e dá forma às instituições que estruturam a maior parte de nossas vidas, lembrando que a língua é uma atividade humana ao mesmo tempo íntima e política. É a língua que nos constrói e é por meio dela que construímos o mundo e nossas relações com ele, comenta Bruschini (1998).

A elaboração de Linguagens Documentárias sob a perspectiva da construção de um pensamento crítico, não se restringe aos aspectos de eficiência e eficácia na predição e recuperação da informação, identificados como eleger os termos, distribuí-los em classes e construir as relações entre eles, segundo critérios claros, lógicos e consistentes (FUGMANN apud CASTRO, SAN SEGUNDO MANUEL, 1999).

O desafio constitui em ser o Vocabulário, no caso do Tesauro aqui revisitado, de um campo em que as reflexões de mulheres acumuladas no decorrer dos séculos sobre a experiência prática cotidiana de sua condição subordinada foram constituindo um corpo teórico que inspirou a epistemologia e a metodologia de pesquisa feminista e que permitiu a

revisão da natureza do saber acadêmico em todos os campos dos estudos sobre as relações sociais entre os sexos.

Segundo Bruschini (1998), o campo do “gênero” tem tamanha abrangência que o propósito de processar a sua documentação é imediatamente um convite ao seu recorte.

No Brasil, o desenvolvimento científico do campo ocorreu no final da década de 70, ele acompanhou a própria legitimação do “feminismo”, tido como ideologia de classe média, dentro do “movimento de mulheres”, este amplamente aceito como mais um dos movimentos envolvidos no processo de redemocratizaçãopolítica. Atribuiu-se assim à área de estudos de gênero a denominação “de Mulher”, ou “sobre Mulher”, outorgando à palavra “Mulher”, além do sentido de uma discutível identidade feminina genérica, a própria definição de uma área do saber, o que teve várias consequências, como proporcionar o esfacelamento da área em múltiplas subáreas: “Mulher e família”, “Mulher e trabalho”, “Mulheres rurais” etc. ou ainda “Mulher e Participação política”, “Mulher e Política” etc., com inúmeras superposições nem sempre exploradas. , o uso essencialista de “Mulher” dificultou os usos metodológicos e político do conceito “gênero”, perpetuando o mito de uma natureza única ou de uma união possível entre todas as mulheres além da defesa de interesses pontuais, em vez de favorecer uma visão dinâmica e dialética das relações sociais entre homens e mulheres.

A elaboração de um tesouro de amplo alcance, conforme relato da pesquisadora, apesar da familiaridade da equipe com os estudos de gênero na área das Ciências Sociais sofreu com a escassez de tempo e de pessoal, que acabou refletindo na proposta de construção de um tesouro “elementar”, de fácil utilização pelos seus usuários, bibliotecários e pesquisadores. Elementar entre aspas, já que a abrangência do tema “gênero” o determina de imediato como um macro tesouro multidisciplinar, mas que acabou por ter como principal referência o tesouro americano: A Women’s Thesaurus -AWT -, que é muito abrangente (5.000 termos cobrindo 11 grandes áreas temáticas), e foi escolhido como a melhor referência para desenhar a lógica de construção do tesouro, por ter a chancela das renomadas pesquisadoras que o elaboraram, o fato de ele manter a compatibilidade com classificações e sistemas de catalogação existentes, como por exemplo, o da Biblioteca do Congresso norte-americano (Library of Congress Subject Headings), utilizado no Brasil em bibliotecas universitárias, e finalmente, por ter sido submetido à consulta de muitos centros de pesquisa, e devidamente testado em bibliotecas e centros de pesquisa. Foram também avaliados os tesouros feitos pela UNESCO, pela USP, e pela Comunidade Europeia.

Foram escolhidas nove (9) áreas temáticas, ou ainda, segundo as classificações adotadas internacionalmente, nove Subject Groups (representados pela sigla SG), para

estruturar “o estudo das relações sociais entre homens e mulheres”. Essas áreas representam categorias, ou facetas, ou ainda aspectos particulares desse campo de conhecimento dentro dos quais se agrupam diversas classes de assuntos.

As áreas temáticas e subáreas de assuntos são as seguintes:

— Ciência e Tecnologia (Ciências do meio ambiente / Ciências físicas e da terra / Engenharia / Matemática / Tecnologia e impacto da tecnologia).

— Ciências Naturais e Saúde (Ciências biológicas, incluindo: biologia, química, fisiologia, zoologia e genética / Ciências médicas, incluindo:

medicina, odontologia, enfermagem e farmacologia / Planejamento familiar e aborto / Esportes / Gravidez e parto / Saúde, incluindo saúde mental, saúde sexual, higiene e nutrição / Sexualidade).

— Ciências Sociais e Cultura (Antropologia / Casamento e família / Ciclos de vida / Demografia / Estereótipos / Estilos de vida / Estudos interdisciplinares, incluindo estudos de gênero, classe e raça / Instituições / Moda, indumentária e divertimento social / Papéis sexuais / Parentesco / Psicologia / Socialização / Sociologia / Violência).

— Comunicação, Artes e Espetáculos (Arquitetura e design de interiores / Artes visuais / Artesanato / Canto / Ciência e teoria da informação, incluindo bibliotecas / Cinema e vídeo / Dança e mímica / Design de moda / Edição e impressão / Espaços para exposições e espetáculos diversos / Fotografia / Jornalismo / Mídia eletrônica e impressa / Museus e galerias / Música / Propaganda / Relações públicas e informação / Shows / Teatro e artes cênicas / Telecomunicações / Teoria da arte, técnica e crítica).

— Economia e Emprego (Agricultura / Emprego/carreiras / Finanças / Força de trabalho/mercado de trabalho / Local de trabalho / Negócios e indústria / Renda, salário, igualdade de salário / Teoria e prática institucionais, organizacionais e da gerência / Teoria econômica, sistemas e condições).

— Educação (Aconselhamento de carreira / Administração / Berçários e creches / Currículos / Educação infantil / Educação de adultos, de extensão / Educação profissional, religiosa / Educação superior / Ensino fundamental e médio / Estudantes / Faculdades / Financiamento, incluindo apoio financeiro à educação, privado e público / Metodologia de ensino / Teorias de Educação).

— História e Mudança Social (História da mudança social / História das mulheres / Historiografia / Movimentos culturais e políticos / Movimentos de mulheres / Teoria feminista).

— Lei, Governo e Políticas Públicas (Crime, prisões e punição / Direitos legais / Lei e legislação, incluindo regulamentações e fiscalizações / Militares e defesa / Políticas sociais e econômicas e serviços, incluindo bem-estar, creches e habitação / Relações internacionais / Teoria e ciência política).

— Linguagem, Literatura, Religião e Filosofia (Crítica literária / Espiritualidade / Ética / Filosofia / Linguística / Literatura, incluindo biografias, diários, memórias e cartas / Mitologia / Religião / Semiótica / Teologia).

Os termos que compõem o Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres estão apresentados em duas listagens. Na primeira, Lista Alfabética, cerca de 1.750 termos que compõem o Tesouro aparecem por ordem alfabética, cada um deles mostrando a sua estrutura conceitual. Entende-se por estrutura a vinculação entre os conceitos representados por termos: nenhum deles pode figurar num tesouro sem que esteja relacionado com outro. Eles podem ter relacionamentos de diversas ordens: lógica, por exemplo, como no caso de “violência” e “violência contra mulheres” (analogia), ou ainda “guerra” e “paz” (oposição);

Na segunda listagem, Lista Temática, os termos aparecem por áreas temáticas (Subject Groups: SG) e por listas de delimitadores etários, geográficos e históricos, também em ordem alfabética, acompanhados apenas pelos seus termos relacionados (RT), sem indicação da sigla, e agrupados.

5 CONTRADIÇÃO METODOLÓGICA

Dois aspectos contraditórios na elaboração do TEG chamaram a atenção a partir da discussão metodológica da construção de Sistemas de Organização e Representação do Conhecimento e que dizem respeito às estratégias para a delimitação de um domínio. Tais aspectos que serão discutidos a seguir, iluminam problemas apresentados no resultado final do Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres.

Tomamos como ponto de referência o enfoque dado às estratégias *top down* e *bottom up* para análise de domínio, conforme trabalho apresentado por Barité e Fernández-Molina (2012). Neste artigo, os autores destacam a análise de domínio como o conjunto de aproximações teórico-metodológicas que vão dar conta da representação do campo temático compartilhado por uma comunidade de discurso. Neste conjunto, eles relacionam a estratégia *top down* ao método dedutivo na construção da estrutura conceitual de um SOC e identificam alguns fatores determinantes:

El enfoque top-down, tradicionalmente impuesto en el desarrollo de sistemas de clasificación universales (Mills 2004; Gnoli & Mei 2006), sigue un

proceso de división lógica del conocimiento, desde lo general a lo particular. Es el método que sugiere Ranganathan para desarrollar estructuras facetadas, partiendo de cinco categorías fundamentales (Personalidad, Materia, Energía, Espacio y Tiempo), y de la división de las clases principales en disciplinas (Ranganathan 1960). En los sistemas universales, como criterio habitual, se ubican en el primer nivel disciplinas, siguiendo una secuencia preestablecida (ejemplos: sistemas decimales como CDD y CDU, Colon Classification y Lista de Encabezamientos de Biblioteca del Congreso). En el segundo nivel se sitúan subdisciplinas o tópicos. En los siguientes niveles de división se ubican tópicos, es decir, los objetos de estudio más específicos de cada disciplina.

El enfoque disciplinario y la subordinación de tópicos a disciplinas están consolidados en la Organización del Conocimiento (Iyer 1995; Williamson 1998), ya que las disciplinas son cortes tradicionales del conocimiento, avalados por universidades y especialistas (BARITÉ e FERNÁNDEZ-MOLINA, 2012, p.67).

O primeiro aspecto contraditório na construção do Tesauro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres diz respeito ao que se encontra sugerido pela revisão de literatura encontrada em Barité e Fernández-Molina (2012) com relação à melhor maneira de construir linguagens documentárias em campos interdisciplinares. Neste caso as facetas ou categorias no primeiro nível de um SOC devem conter tópicos que representem um conjunto de fenômenos do campo que se quer representar, ao contrário de Disciplinas do campo do conhecimento. Esta recomendação dos autores é explicitada principalmente no caso de Estudos de Gênero, como se pode comprovar na revisão de literatura feita:

No obstante, se ha sugerido recurrentemente en la literatura que en el primer nivel de los SOC's se ubiquen tópicos que representen phenomena o conjuntos no disciplinarios de conocimientos, pues ello permitiría clasificaciones más adecuadas de campos interdisciplinarios como los Estudios de Género y otros (Iyer 1995; Gnoli, Bosch & Mazzocchi 2007) (BARITÉ e FERNÁNDEZ-MOLINA, 2012, p.68).

Nesta perspectiva, os autores pontuam que os SOC's desenvolvidos a partir de uma estratégia *top down* são predominantemente hierárquicos, e defendem a estratégia *bottom-up* como a mais adequada:

Los SOC's desarrollados bajo el enfoque top-down son predominantemente jerárquicos. Cada término está subordinado a otro, salvo aquellos ubicados en el primer nivel de división. Cada subclase de elementos es un subconjunto de la clase inmediatamente superior (Cann 1997). Estas jerarquías reproducen taxonomías instauradas en las distintas disciplinas. De ellas se toman los sinónimos y las relaciones paradigmáticas que deben ser establecidas. [...] Por su parte, el enfoque *bottom-up* es básicamente inductivo, pues parte del análisis de los términos que se usan en la comunicación y la práctica cotidianas de una comunidad de discurso (Farradane 1950; Centelles 2005). En este enfoque, se soslayan las organizaciones previas del conocimiento y se privilegian los estudios de casos. Metodológicamente, se toma una definición tentativa del dominio de referencia y sus principales divisiones para establecer criterios de

inclusión/exclusión de la terminología y el corpus de fuentes seleccionadas para el análisis (BARITÉ e FERNÁNDEZ-MOLINA, 2012, p.68).

A forma como foi concebida a estrutura conceitual do Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres, em 09 categorias temáticas conforme acima enumeradas, não vai ao encontro à perspectiva crítica de representação de um novo campo de conhecimento, reproduzindo hierarquias próprias do conhecimento científico vigente.

Quanto à estratégia *bottom up* de construção de uma estrutura conceitual, a literatura a relaciona como uma estratégia indutiva, uma vez que parte da análise dos termos usados na comunicação e prática cotidiana de uma comunidade para a representação de um determinado domínio.

Apresenta-se então o segundo aspecto contraditório na construção do TEG, pois apesar de sua concepção estar ancorada pela necessidade de construção de uma linguagem para uma comunidade especialista, a sua elaboração evidencia uma falta de participação da comunidade com relação à sua estruturação. O enfoque indutivo seria o mais apropriado para uma abordagem crítica do conhecimento que se pauta por não repetir esquemas hegemônicos de representação. Como atestam os autores, na abordagem *bottom up*, as organizações ignoram conhecimentos tradicionais.

Apesar de sua abordagem *bottom up*, o trabalho desenvolvido por Lopes Huertas e Ramírez (2005) para avaliação da terminologia no campo Gênero, não teve o privilégio de ter como uma referência empírica uma comunidade de prática como a rede que constituiu o TEG e se deu a partir de um grande número de fontes, em diferentes formatos e meios de comunicação, como a Internet, os dicionários e vocabulários especializados, indexação de artigos de todas as revistas publicadas em espanhol que lidam com o assunto, de estudos do léxico conteúdo enciclopédias das Mulheres (Thesaurus Europeu Feminino de 1998, Thesaurus Mulheres, 2002 e Dona Thesaurus, 1988). (LOPES HUERTAS, RAMÍREZ, 2005)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um pensamento crítico pressupõe a denúncia do cânone predominante na produção do conhecimento considerado legítimo; provoca vários deslocamentos nas formas do pensar científico, da linguagem, do léxico, da concepção de humanidade e da ética do sujeito e do coletivo nas relações sociais, assim como das relações entre indivíduo e sociedade. Implica ainda na introdução de novas perspectivas analíticas como de outros modos de pensar; rompe com as categorias dominantes na teoria social e exprime novos

paradigmas à produção do conhecimento, além da construção de novos campos de saber/poder.

A experiência da construção do Tesauro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres evidenciou a necessidade de uma linguagem documentária no campo da crítica feminista e que a constituição de uma rede só seria viável após a construção de uma linguagem ou vocabulário bibliográfico comum.

No entanto, mostrou também que apesar da necessidade de uma linguagem que contemplasse o espaço das experiências femininas plurais constitutivas da experiência social da modernidade e o surgimento de novas temáticas e categorias derivadas de tais experiências, é ainda um desafio para os profissionais da informação a representação da categoria Gênero, como um conhecimento situado, constituído nas relações históricas e sociais, nas relações desiguais de poder em que estiveram implicados mulheres e homens, uma vez que a mesma oferece um novo olhar sobre a realidade que demanda também novas formas de organização deste conhecimento, problemática esta que se coloca para o campo dos estudos de Sistemas de Organização e Representação do Conhecimento.

A estratégia de concepção da estrutura conceitual do Tesauro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres, em 09 categorias temáticas conforme acima enumeradas, não vai ao encontro da perspectiva crítica de representação de um novo campo de conhecimento, reproduzindo hierarquias próprias do conhecimento científico vigente, pois se trata da aplicação da abordagem *top down*, por ser própria de campos disciplinares já estabelecidos e não comportam novos campos do conhecimento.

A estratégia *bottom up*, utilizada no trabalho desenvolvido sobre a terminologia de gênero desenvolvido por Lopes Huertas e Ramírez (2005), se mostrou adequada para a análise do campo semântico, mesmo que interdisciplinar, mas não atende às questões colocadas na introdução desta comunicação, como a de refletir sobre a construção de SOC's com a participação e ampliação do acesso, caracterizando a construção de um pensamento crítico.

Nesta perspectiva, vislumbramos na rede que instituiu o TEG, o referencial empírico para a aplicação do conceito de comunidades de prática como novo elemento que relacione as Linguagens Documentárias e a construção do pensamento crítico.

A operacionalização do conceito de comunidades de prática para este fim consiste na identificação de três dimensões que caracterizam as comunidades de prática, a partir da análise de vários estudos etnográficos feita por Wenger (1998). As três dimensões inter-relacionam-se e ao pensar cada uma delas é necessário ter presente a interação com as outras. São elas: empenhamento mútuo (*mutual engagement*); empreendimento conjunto (*joint*

enterprise); repertório partilhado (shared repertoire). Para fins de estudos no campo dos SOC's, a dimensão do repertório compartilhado, em que os participantes desenvolvem um capital simbólico, pode ser a abordagem que possibilite a construção destes instrumentos de forma participativa e de forma a atender aos critérios de eficiência e eficácia pretendidos na organização do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(1): 288, janeiro-abril/2008.

BRUSCHINI, Cristina, et al. **Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas / Ed. 34, 1998

BARITÉ, M. FERNÁNDEZ-MOLINA, C. Metodologías top-down y bottom-up de análisis de dominio: Perspectiva desde la garantía literaria. In: **Desafíos e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. [recurso eletrônico] José Augusto Chaves Guimarães, Vera Dobedei (organizadores). – Marília: ISKO-Brasil: FUNDEPE, 2012.285: il., fots. e-Book.

CASTRO, Carmem C.; SAN SEGUNDO MANUEL, Rosa. **Lenguajes Documentales y Exclusión Social**. In: La Representación y la Organización del Conocimiento en sus distintas perspectivas: su influencia en la Recuperación de la Información: Actas del IV Congreso ISKO-España EOCONSID'99, 22-24 de abril de 1999, Granada. Editadas por: María José López-Huertas y Juan Carlos Fernández-Molina. p. 101-108.

LOPES HUERTAS, M. J; RAMÍREZ, I.T. Terminología de género. Sesgos, interrogantes, posibles respuestas. **Datagramazero - Revista de Ciência da Informação** - v.6 n.5 out 2005.

WENGER, E. **Communities of Practice: learning, meaning and Identity**. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1998.